

# AS SEPULTURAS ESCAVADAS NA ROCHA DO CASTELO DE CRESTUMA (VILA NOVA DE GAIA, NORTE DE PORTUGAL): CONTEXTOS E PROBLEMÁTICA

ANTÓNIO MANUEL S. P. SILVA\*

LAURA C. P. SOUSA\*\*

PAULO A. P. LEMOS\*\*\*

FILIPPE M. S. PINTO\*\*\*\*

**Resumo:** O complexo arqueológico do Castelo de Crestuma, situado na margem esquerda do rio Douro, a cerca de 16 km da sua foz, constitui um sítio arqueológico de longa diacronia, balizado entre a Proto-História e a Idade Média, mas com maior pujança de vestígios no período tardo-antigo. Entre os resultados de um recente projeto de investigação, conta-se a descoberta de duas sepulturas escavadas na rocha, em locais distintos, uma com planta «em banheira» e outra constituída por uma estrutura em dupla fossa, tipologia rara entre as sepulturas rupestres do território português. O estudo apresenta estas sepulturas e analisa o seu enquadramento cultural e cronológico, com alguns paralelos peninsulares para a de tipo mais singular.

**Palavras-chave:** Sepulturas escavadas na rocha; Sepulturas de dupla fossa; Arqueologia funerária medieval; Crestuma.

**Abstract:** The archaeological complex of Castelo de Crestuma is located on the left bank of the Douro River, about 16 km from its mouth. It is an archeological site with a long-term diachrony, marked out between Protohistory and the Middle Ages, but with a greater force of vestiges in the Late-Antique period. Among the results of a recent research project, there is the discovery of two rock-cut graves, in different places, one with a «bathtub» plant and the other consisting of a double-pit structure, a rare typology among the rocky graves of the Portuguese territory. The study presents these graves and analyzes their cultural and chronological framework, with some peninsular parallels for the more unique type.

**Keywords:** Rock-cut graves; «Double-pit» graves; Medieval funerary archaeology; Crestuma.

## 1. O CASTELO DE CRESTUMA, O SÍTIO E A SUA HISTORIOGRAFIA

O complexo arqueológico tem como ponto central uma colina à cota de 57 metros de altitude, situada na margem esquerda do rio Douro, a cerca de 16 quilómetros da sua foz, em Vila Nova de Gaia<sup>1</sup>. Trata-se de um esporão rochoso, assente

---

\* GHAP/ASCR – Confraria Queirosiana; CITCEM. Email: amspsilva@hotmail.com.

\*\* GHAP/ASCR – Confraria Queirosiana; CITCEM. Email: laura\_sousa@hotmail.com.

\*\*\* GHAP/ASCR – Confraria Queirosiana. Email: paplemos@gmail.com.

\*\*\*\* GHAP/ASCR – Confraria Queirosiana; CITCEM. Email: filipempinto@gmail.com.

<sup>1</sup> Coordenadas geográficas centrais: 41°04'06.97"N e 8°30'12.53"O (WGS84).

num substrato litológico metassedimentar de xistos, metaconglomerados, metagrau-vaques e outras rochas, ladeado por dois pequenos areais onde desaguam linhas de água tributárias do Douro (Figs. 1 e 2).

A ocupação antiga deixou tradição no microtopónimo *Castelo* como em registos historiográficos que remontam ao século XVIII, mas só a partir de meados do século XX, os vestígios arqueológicos, revelados fortuitamente, atraíram a atenção de estudiosos como Arlindo de Sousa<sup>2</sup> e Carlos A. Ferreira de Almeida<sup>3</sup>. A caracterização do sítio variou entre «estação lusitano-romana»<sup>4</sup> e fortificação medieva com antecedentes proto-históricos, ou pelo menos tardorromanos ou tardo-antigos<sup>5</sup>. Outros autores referiram-se ainda ao sítio antes do início das escavações arqueológicas, pouco acrescentando à sua natureza, mas fundamentando uma alargada cronologia de ocupação, nomeadamente em resultado de destruições ocorridas na sequência de obras públicas na transição do século XX para o atual<sup>6</sup>.

Como resultado dos trabalhos arqueológicos feitos entre 2010 e 2015<sup>7</sup>, foi proposto um faseamento geral da ocupação<sup>8</sup>, em parte apoiado por datações absolutas, balizado entre a Proto-História e as épocas moderna e contemporânea. O período mais antigo é reconhecível apenas por artefactos em depósito secundário, sem associação a qualquer estrutura ou depósito homogéneo<sup>9</sup>, e no que respeita à ocupação romana, salvo alguns achados epigráficos<sup>10</sup>, as séries cerâmica e numismática parecem iniciar-se apenas no século IV. A fase de ocupação mais intensa no Castelo de Crestuma ter-se-á situado entre os séculos V e VI, abalizada por significativos conjuntos cerâmicos tardo-antigos<sup>11</sup>, uma excecional *tegula* epigrafada<sup>12</sup> e diversas estruturas, nomeadamente um impressionante conjunto de buracos de poste distribuídos por toda a colina, a indiciar uma intensa utilização do espaço e evidentes vestígios de estruturas portuárias<sup>13</sup>. Por fim, é patente também o uso do local na Alta Idade Média, nomeadamente através de materiais cerâmicos atribuídos aos séculos IX-XI<sup>14</sup>, provavelmente relacionados com uma parte dos numerosos entalhes, afeiçoamentos e buracos de poste que caracteri-

<sup>2</sup> SOUSA, 1945, 1957.

<sup>3</sup> ALMEIDA, 1978, 1989, 1992.

<sup>4</sup> SOUSA, 1945: 405, n.º 5.

<sup>5</sup> ALMEIDA, 1978: 11, 36, 51; 1989: 43; 1992: 374.

<sup>6</sup> GUIMARÃES, 1993a; 1993b: 20; SILVA, 2007; GUIMARÃES, GUIMARÃES, 2001.

<sup>7</sup> SILVA *et al.*, 2017.

<sup>8</sup> SILVA, GUIMARÃES, 2011; SILVA, SOUSA, 2014.

<sup>9</sup> SILVA, SOUSA, PINTO, 2018.

<sup>10</sup> Nomeadamente, a lápide funerária encontrada em meados do século XX, datável de época flaviana ou da primeira metade do século II (GUIMARÃES, GUIMARÃES, 2001: 43-6, com remissão para bibliografia anterior) e, mais recentemente, uma ara, ainda inédita.

<sup>11</sup> SILVA, GUIMARÃES, 2013a; SILVA, CARVALHO, 2014; SILVA, 2015; SILVA, PEREIRA, CARVALHO, 2015a, 2015b.

<sup>12</sup> VELÁZQUEZ SORIANO, 2017.

<sup>13</sup> SILVA, GUIMARÃES, 2013a, 2013b; SILVA, 2014.

<sup>14</sup> SILVA, SOUSA, 2014.

zam o sítio, não tendo ainda sido possível, pela falta de depósitos estratigráficos conservados, distinguir as arquiteturas em madeira medievais indiciadas pelas estruturas negativas daquelas de cronologia tardo-antiga, ou a eventual relação de continuidade entre ambas.

Constitui igualmente resultado do projeto de investigação arqueológica, aliás na linha das informações de A. Sousa<sup>15</sup>, a percepção de que a ocupação antiga do local não se cinge à colina do «Castelo», mas se encontrava distribuída espacialmente, não só por toda a frente de rio, a montante e a jusante daquela colina, numa extensão de pelo menos uns 350 m, como também na elevação do Outeiro, localizada imediatamente a sudoeste, assim se justificando a designação de «complexo arqueológico» de Crestuma<sup>16</sup>.

## 2. OS CONTEXTOS FUNERÁRIOS DE CRESTUMA

As primeiras notícias sobre achados funerários antigos, como sepulturas escavadas na rocha, devem-se também a Arlindo de Sousa, que visitou o local nas décadas de 1940-1950. Sobre as primeiras descobertas registou:

*Visitei, no verão de 1943, a freguesia de Crestuma, e descobri uma estação lusitano-romana [...]. Encontrei várias sepulturas cavadas na rocha; muitas covas redondas e rectangulares, igualmente cavadas na pedra firme, fragmentos de tégulas, de tijolo e de louças; um fragmento de lousa preta, adornada; um fragmento de mó manuária; muitos restos de muralhas; e de um grande fôso artificial; um fragmento de lápide funerária [...] e outros objectos importantes<sup>17</sup>.*

Este apontamento identifica diferentes contextos funerários, indiciando a existência de, pelo menos, uma necrópole romana, referenciada pelo «fragmento de lápide funerária» com inscrição transcrita e lida pelo autor, e outra (ou outras) de cronologia tardo-antiga ou altimedieval, indicada pelas «várias sepulturas» rupestres. É omissa, todavia, quanto à localização dos achados, quantidade e morfologia das sepulturas observadas. Em 1957, após revisitar o sítio com um guia local, o mesmo autor retoma o tema com novos dados e a notícia de outras descobertas, referindo-se a «sepulturas cavadas na fraga» designadamente «na base do Outeiro», «nas proximidades do lugar da Vessada», ficando até a sugestão da existência de mais do que um núcleo de enterramentos e inclusivamente «em outros montes de Crestuma»:

<sup>15</sup> SOUSA, 1945, 1957.

<sup>16</sup> SILVA, 2007.

<sup>17</sup> SOUSA, 1945: 405-406, n.º 5, sublinhados nossos.

*Na base do Outeiro apareceram, segundo o testemunho de vários crestumenses, sepulturas cavadas na fraga. [...] É, também, de Crestuma, possivelmente do Castelo, o fragmento de uma lápide funerária [...]. De 1943 até agora, soubemos que no monte do Outeiro, nas proximidades do lugar da Vessada, quando se procedia à tiragem de pedra para um muro da estrada Crestuma-Porto, apareceram diversas sepulturas, cavadas nas fragas, de vários tamanhos, isoladas ou em grupos, principalmente, de duas, havendo, dentro delas, fragmentos de cal, de tijolos e de telhas, estando algumas, cobertas com terra, e outras, com pedaços de lousa. Disseram-nos que em outros montes de Crestuma, também, apareciam sepulturas, feitas nas fragas, assim como covas ou pias iguais às do Castelo<sup>18</sup>.*

Estes achados serviram como referência a vários investigadores, levando à inclusão do sítio em estudos e inventários temáticos<sup>19</sup>, sendo de interesse anotar que estas sepulturas ou necrópoles rupestres são as únicas conhecidas em todo o concelho de Vila Nova de Gaia<sup>20</sup>.

### 3. A SEPULTURA 1 DO CASTELO

A colina do Castelo é superiormente pontuada por um pequeno edifício em alvenaria, constituída por dois compartimentos de diferente cronologia, certamente ligados à utilização agrícola daquele espaço em época contemporânea. A esta construção está associada uma «eira», de plano trapezoidal, com cerca de 100 m<sup>2</sup>, limitada a NNO e, em parte, a SSO por um corte vertical no afloramento rochoso; a sudeste e do que resta do lado SSO por uma fiada baixa de blocos de pedra, servindo-lhe por fim o referido anexo agrícola de enquadramento a nordeste. O solo corresponde na sua quase totalidade ao aplanamento do substrato xistoso original, completado na parte mais a sul e sudeste, por necessidade de nivelamento, por grandes lajes do mesmo material (Figs. 4 e 5). Não obstante o espaço ter sido reutilizado para a função agrícola em tempos modernos (construção do anexo e delimitação da área com o murete de pedra), a sua abertura é claramente muito mais antiga, como se evidencia pelas circunstâncias de existirem entalhes e negativos sobre a rocha no interior da construção referida<sup>21</sup>, da sepultura que nela foi identificada e até de uma tradição

<sup>18</sup> SOUSA, 1957: 16-18, sublinhados nossos.

<sup>19</sup> BARROCA, 1987: 165, n.º 91; GUIMARÃES, 1993a, 1993b; SILVA, 2007: ficha 24.

<sup>20</sup> BARROCA, 2010-2011: 167, n.º 105.

<sup>21</sup> Nos muros desta construção reconhecem-se elementos pétreos, nomeadamente em granito, reaproveitados de anteriores estruturas e na base da sua parede nascente (a que se adossou um anexo menor) foi recolhida uma base de coluna.

local que alude à suposta existência de uma cisterna ou qualquer outra estrutura subterrânea sob as lajes que prolongam o nivelamento da rocha<sup>22</sup>.

Na campanha de trabalhos arqueológicos de 2013 pretendeu-se, entre outros aspetos, avaliar o rebordo da plataforma rochosa superior e a ligação ao caminho, aparentemente moderno, que lhe dá acesso por NNO, tendo para isso sido intervenção uma área de cerca de 12 m<sup>2</sup>. Os resultados da escavação revelaram que o rebordo rochoso terá sido aparentemente cortado, ou pelo menos afeiçãoado, na vertical, por razões desconhecidas, vindo a encontrar-se o sepulcro aqui noticiado precisamente no extremo nor-noroeste da plataforma superior e da eira que já descrevemos<sup>23</sup>. A escavação da sepultura revelou, após o levantamento do nível de circulação atual e de uma pequena estrutura com pedras de xisto que correspondia à base de assentamento do muro delimitador da eira apenas duas unidades estratigráficas, uma preenchendo a fossa superior e a seguinte a cavidade feral, correspondendo a níveis de aterro muito similares, compostos essencialmente por sedimento com abundantes pedras de xisto de pequenas dimensões, muito desagregadas, resultantes de trabalhos de desmonte do substrato geológico<sup>24</sup>.

Não foram identificados quaisquer vestígios orgânicos de deposição funerária ou qualquer espólio arqueológico relevante, o que significa naturalmente que a tumba, se chegou a ser utilizada, terá sido, em época desconhecida, esvaziada e aterrada. Assim, tudo indica que os depósitos que preenchiam as duas cavidades foram efetuados num momento único, com o objetivo de colmatar o espaço interno do sepulcro, provavelmente para nivelamento da área e delimitação da «eira» em época moderna ou contemporânea. O único conteúdo artefactual registou-se no depósito que preenchia a fossa superior e era constituído por 15 pequenos fragmentos de telha de meia cana ou *imbrex* e tijolo, impossíveis de classificar cronologicamente.

A sepultura, que designámos convencionalmente como n.º 1 do Castelo (não obstante não haver evidência de quaisquer outras nas imediações), apresenta uma orientação NNO-SSE (330°), relativamente canónica na tradição cristã. É composta por dois planos desnivelados (Figs. 6, 7a e 7b), correspondendo ao tipo de sepultura «de secção em T», ou com fossa (sepulcral) e pré-fossa ou sobrecâmara, como adiante explanaremos.

A pré-fossa, de plano sub-retangular, abaulada nos lados maiores, tem comprimento máximo de 1,94 metros e largura entre 0,90 metros (na cabeceira e pés do sepulcro) e 1,24 metros na parte central. A uma profundidade entre 0,30 e 0,62 metros foi aberta, no eixo da cavidade a fossa ou cavidade feral, de configuração tra-

<sup>22</sup> Na campanha arqueológica de 2013 foi levantada uma dessas lajes e escavada a superfície inferior, sem que se vislumbrasse qualquer indício de obras anteriores (GUIMARÃES *et al.*, 2014).

<sup>23</sup> 41°4'7.46"N; 8°30'15.18"O (WGS84).

<sup>24</sup> GUIMARÃES *et al.*, 2014.

pezoidal, com comprimento de 1,72 metros e largura entre 0,52 m (cabeceira), e 0,31 metros, sendo de 0,45 m a profundidade máxima. A base da cabeceira foi levemente rebaixada para apoio da cabeça do defunto, resultando numa pequena depressão arredondada com 0,38 m de diâmetro e 0,03 m de profundidade (Figs. 6, 7a e 7b). O degrau ou patamar que serve de base à pré-fossa, com um desnível entre 0,30 e 0,62 m para a superfície, constitui um rebordo aplanado ao redor da fossa sepulcral com uma largura entre 0,10 e 0,28 metros.

A segunda realidade observada nesta área é constituída pela presença nas imediações da sepultura de dezassete entalhes escavados na rocha (Figs. 5, 6, 7a e 7b), produzidos na sua totalidade em superfícies horizontais, patenteando as interfaces uma orientação vertical. Tipologicamente são entalhes de plano subcircular, sub-retangular, regos ou canais escavados na rocha e aplanamentos delimitados<sup>25</sup>, desconhecendo-se a sua funcionalidade ou eventual relação com o sepulcro, dadas as dificuldades de sequenciação estratigráfica dos entalhes no xisto e a escassa pos-sança ou caráter contemporâneo dos respetivos enchimentos; todavia, é claro que aquele espaço foi sucessivamente alterado ou reformulado, dadas as sobreposições de alguns daqueles *interfaces*<sup>26</sup>.

#### 4. A SEPULTURA 1 DO OUTEIRO

A existência de sepulturas no monte do Outeiro, a escassos 150 metros a SSO. do Castelo, havia sido apontada por Arlindo de Sousa, no trecho atrás citado, e consta igualmente da memória de alguns naturais. Na companhia de um deles<sup>27</sup>, que se recordava de, quando novo, ter observado uma dessas cavidades, de contorno antropomórfico, prospectámos a área entre o monte do Castelo e o lugar da Vessada (Fig. 2), acabando por identificar não o suposto sepulcro antropomórfico mas a sepultura escavada na rocha que agora se descreve.

Situa-se a o sepulcro, que numerámos como n.º 1 do Outeiro, na parte superior daquele monte, à cota aproximada de 65 metros e a menos de uma centena de metros da estrada municipal n.º 109-2, do lado poente de um velho caminho carral, marcado por profundas rodeiras na rocha viva, que conduzia do cimeiro lugar da Vessada à ribeirinha colina do Castelo<sup>28</sup> (Figs. 2 e 3). A sepultura, aberta no substrato geológico de xisto, localiza-se no rebordo de um afloramento cortado por trabalhos de extração de pedra imediatamente a norte e encontrava-se preenchida apenas por detritos vegetais e manta morta, não possuindo já quaisquer depósitos de preenchi-

<sup>25</sup> Cfr. SILVA, GUIMARÃES, 2013b para a definição destas tipologias e o relatório técnico da campanha (GUIMARÃES *et al.*, 2014) para outros detalhes estratigráficos e a respetiva matriz estratigráfica.

<sup>26</sup> SILVA, 2013; GUIMARÃES *et al.*, 2014.

<sup>27</sup> O senhor Eng.º Álvaro Meireles, a quem nos cumpre agradecer a disponibilidade e as informações facultadas.

<sup>28</sup> 41°4'3.50"N; 8°30'17.16"O (WGS84).

mento antigos. Após a sua limpeza e registo, verificou-se que se trata de uma sepultura escavada na rocha não antropomórfica, apresentando contorno entre o ovalado e o sub-retangular, com cantos arredondados, tipo «banheira», na designação que se tornou comum. Na cabeceira regista-se um pequeno entalhe circular, com aproximadamente 5 cm de diâmetro, que nos parece resultar de ação moderna associada à exploração de pedra vizinha. A base do sepulcro apresenta uma pequena inclinação, com a cabeceira um pouco mais elevada. De orientação NNE-SSO (218°), mede 1,85 m por 0,50 m de largura média, com cerca de 0,40 m de profundidade (Figs. 8 e 9).

Embora a cobertura vegetal não permita a observação da rocha natural, o enquadramento e a morfologia do maciço fazem supor a eventual existência de outras sepulturas nas proximidades, e uma pequena prospeção na envolveria imediata permitiu detetar algumas lajes em xisto, de configuração esteliforme, que poderão ser aproximadas às lousas referidas por Arlindo de Sousa utilizadas quer para cobertura das sepulturas, quer como estelas ou suporte de epitáfios, como se pode ler nas passagens que transcrevemos. Num terreno a cerca de uma centena de metros a SSO. desta sepultura, onde a tradição local situa também o achado das sepulturas referidas por aquele Autor, foram recentemente feitas sondagens arqueológicas de pré-avaliação de impactes de um projeto imobiliário, resultando desses trabalhos a identificação de depósitos culturalmente homogêneos, com materiais cerâmicos e vidros tardo-romanos, relacionados com estruturas aparentemente de caráter não funerário<sup>29</sup>.

## 5. DISCUSSÃO E PARALELOS FORMAIS

Como interpretar ou relacionar, se for o caso, estas duas ocorrências de sepulturas escavadas na rocha (Fig. 3)? A sepultura 1 do Outeiro, que julgamos provável que esteja inserida numa necrópole de maior dimensão — considerando o contexto microtopográfico e os informes de Arlindo de Sousa<sup>30</sup> — pode dever a sua localização à simples proximidade de um caminho antigo, circunstância que justifica a situação de muitas pequenas necrópoles de sepulturas escavadas na rocha sem ligação evidente a qualquer templo. Todavia não pode deixar de evocar-se (para este sepulcro como para o do Castelo) uma eventual relação com o mosteiro eremítico de Crestuma, que poderá remontar aos começos do século X<sup>31</sup> e sobreviveu pelo menos até ao ano de 1118<sup>32</sup>. A admitir-se a relação desta possível necrópole com o sítio do Castelo (e este

<sup>29</sup> COUTO, 2018.

<sup>30</sup> SOUSA, 1945, 1957.

<sup>31</sup> A referência mais antiga a este cenóbio data de 922 e encontra-se num documento controverso (o n.º 25 dos *Diplomata et Chartae*), considerado falso por muitos autores, mas que outros entendem legítimo, ainda que admitindo interpolações na cópia do século XII; tal é o caso de J. ALARCÃO (2019: 19, 37-38) e M. CARRIEDO, que sugere mesmo que o mosteiro de Crestuma possa ser anterior a 915 (1998-1999: 320-1, 379, n 123). Cfr., sobre este assunto, SILVA, REAL, no prelo.

<sup>32</sup> MATTOSO, 2002: 93.

como um «povoado», o que ainda não é totalmente claro), a sua implantação seria verdadeiramente privilegiada no quadro de um modelo locacional no qual as áreas sepulcrais surgem em relevos destacados sobre o casario e os campos de cultivo<sup>33</sup>, embora a relação entre os cemitérios e os povoados seja usualmente problemática no quadro da organização territorial anterior à rede paroquial<sup>34</sup>.

Quanto à sua cronologia, muitos investigadores atribuem uma cronologia na generalidade mais antiga às sepulturas escavadas na rocha de contorno ovalado, ou do «tipo banheira», em relação às antropomórficas<sup>35</sup>, na senda da teoria evolutiva de Alberto del Castillo<sup>36</sup>, que propôs uma datação inicial pelo menos do século VII para este morfotipo, bem como para os sepulcros de contorno retangular e trapezoidal, que teriam começado a evoluir para formas antropomórficas, de execução mais complexa, em meados do século IX, sendo estas — muitas vezes designadas como olérdolanas, do sítio epónimo de Santa Maria e São Miguel de Olérdola, Alt Penêdes, Catalunha<sup>37</sup> — as tipologias mais comuns nos séculos X e XI. Não obstante, aquele Autor admitiu também, com base no estudo das necrópoles da Revenga e de Cuyacabras (Burgos), a perduração do tipo ovalado até ao período da Reconquista<sup>38</sup>. Castillo defendia também que as cabeceiras antropomórficas se distribuíam em duas grandes regiões geográficas: as de contorno angular seriam especificamente catalãs, enquanto as de plano curvilíneo ou em arco de ferradura seriam típicas das regiões mais ocidentais<sup>39</sup>. Não obstante o mérito das suas observações, as teses de Castillo rapidamente foram postas em causa, primeiro pelos fundamentos históricos de algumas das suas propostas<sup>40</sup> (ainda que os discípulos e outros autores mantivessem o ênfase nas tipologias e, no geral, a sequência cronológica de Castillo)<sup>41</sup>; e depois, com maior trabalho de campo e a renovação epistemológica nos estudos de arqueologia medieval, também no que toca à distribuição geográfica das tipologias, ao rigor da sequência evolutiva e à excessiva valorização dos aspetos formais das tumbas<sup>42</sup>.

<sup>33</sup> LALIENA COBRERA, 2009: 155. Por necessidade de economia de espaço, utilizámos nas referências bibliográficas do texto apenas o primeiro apelido nos antropónimos hispânicos (salvo os compostos ou mais consagrados pelo uso).

<sup>34</sup> ARIÑO, 2013: 97; MARTÍN VISO, 2007: 23.

<sup>35</sup> LÓPEZ QUIROGA, GARCÍA PÉREZ, 2014; MARTÍN VISO, 2014.

<sup>36</sup> CASTILLO 1970; 1972.

<sup>37</sup> Ver, a este propósito, BARROCA, 2010-2011: n.º 6.

<sup>38</sup> O que a investigação moderna tem claramente comprovado (LÓPEZ QUIROGA, GARCÍA PÉREZ, 2014; MARTÍN VISO, 2014).

<sup>39</sup> CASTILLO, 1970: 837-9.

<sup>40</sup> Castillo atribuía estas sepulturas, que julgava exclusivamente hispânicas, ao «repovoamento» moçárabe após a Reconquista (CASTILLO, 1970: 838), tese que a investigação histórica invalidou.

<sup>41</sup> Cfr., por exemplo, RIU, 1977: 454-6 e BOLÒS i MASCLANS, PAGES i PARETAS, 1982.

<sup>42</sup> BIELSA, 1975; KLIEMANN, 1986 (trabalho académico não publicado, citado por BARROCA, 1987: 115 e ss.; 2010-2011: 126-128)

Não interessando a este estudo a crítica ou revisão das teses de Alberto del Castillo<sup>43</sup>, devemos sublinhar, todavia, a profunda mudança de perspetiva verificada no estudo das sepulturas e necrópoles medievais observada nas últimas décadas, secundarizando os meros ensaios tipológico-evolutivos em função de análises de carácter mais holístico, na ótica, designadamente da arqueologia da paisagem e da compreensão mais alargada dos contextos sociais, económicos, culturais e políticos nos quais devem inserir-se os ritos funerários e hábitos tumulares das comunidades pós-romanas e alti-medievais. Esta inflexão de abordagem é patente em numerosos estudos, inaugurados no nosso país com o já referido ensaio fundamental de Mário Barroca<sup>44</sup> e continuados por levantamentos e estudos de povoamento de âmbito regional<sup>45</sup> e estudos de caso<sup>46</sup>, merecendo destaque nos últimos anos os trabalhos orientados para a Beira Interior e a região de Riba Côa<sup>47</sup>.

Nesta linha, a investigação mais proveitosa orienta-se na atualidade para a compreensão dos espaços funerários «dentro de un paisaje, y sobre todo dentro de la construcción simbólica de ese paisaje como un escenario en el que se mueve la identidad individual y colectiva»<sup>48</sup>, entendendo-se a paisagem como uma

*arena privilegiada para la construcción de la memoria y de la identidad, una construcción en la que ni es un mero espejo de procesos externos, ya que resulta ser parte activa, ni es un resultado fijo y estable, sino que los mismos paisajes son vividos y conceptualizados de formas diferentes por los individuos, los grupos sociales y las instituciones*<sup>49</sup>.

Deste modo, a eleição dos cemitérios rupestres, como das sepulturas isoladas — considerados ambos como espaços seletivos e de particular investimento material e simbólico — poderá ter correspondido a uma estratégia de manipulação da paisagem por parte das comunidades camponesas<sup>50</sup>, assim se gerando uma matizada «geografia funerária» na qual os espaços sepulcrais não são meros elementos passivos ou monofuncionais mas, pelo contrário, constituem dispositivos mnemónicos,

<sup>43</sup> Cfr. entre outros, LÓPEZ QUIROGA, 2010: 297 ss.; BARROCA, 2010-2011: 122-9; MARTÍN VISO, 2012a: 166-7; 2012b: 5-6; 2014: 31-5; LÓPEZ QUIROGA, GARCÍA PÉREZ, 2014:

<sup>44</sup> BARROCA, 2010-2011 [1987].

<sup>45</sup> Cf. TEIXEIRA, 1996; LOPES, 2002; VIEIRA, 2004; SANTOS, 2005; LOURENÇO, 2007; TENTE, 2007, 2010. (entre muitos outros, recentemente sintetizados numa abordagem de tipo similar – GUEDES, 2015: I, 27-48; II, 148, mapa 2). Para uma perspetiva histórica mais abrangente desta temática em Portugal, vejam-se BARROCA, 2010-2011: 117-122 e TENTE, CARVALHO, 2015.

<sup>46</sup> TENTE, LOURENÇO, 1998, 2002; CABRITA, 2011; TENTE, 2015.

<sup>47</sup> MARTÍN VISO, 2007, 2008, 2011, 2012b, 2014a: 107-17; TENTE, 2017; BROOKES, TENTE, PRATA, 2017.

<sup>48</sup> MARTÍN VISO, 2016: 865.

<sup>49</sup> MARTÍN VISO, 2016: 865.

<sup>50</sup> RUBIO DÍEZ, 2018: 287; LALIENA COBRERA, ORTEGA ORTEGA, 2005: 182.

tecnologias de memória geradoras de identidades, numa palavra, arquiteturas para os vivos e não mero local de deposição funerária<sup>51</sup>.

Nesta perspetiva, a análise crítica dos singelos testemunhos de arqueologia tumular de Crestuma pouco alcançará num plano de mera analogia tipológica — ainda assim útil para contextualizar um pouco o modelo incomum da sepultura do Castelo — e pouco acrescentará talvez ao quadro cronológico, uma vez que a questão fundamental, como sintetizou Martín Viso<sup>52</sup>, não é tanto a de datar as tumbas, mas sim a de questionar e tentar interpretar no tempo e na paisagem os processos sociais que enquadraram a sua construção.

A sepultura do Castelo destaca-se por três aspetos: a sua tipologia incomum, singularidade e localização. No que respeita à sua forma, o acentuado rebaixamento do plano onde se insere a fossa sepulcral (entre 0,30 e 0,62 m) quase não encontra paralelo em sepulturas congêneres do nosso país. Na verdade, ocorrem por vezes sepulcros com pequenos rebordos ou molduras para encaixe da laje ou lajes da cobertura, mas de muito menor desnível, como pode ver-se em vários casos do Entre Douro e Minho<sup>53</sup>, ou por exemplo em sepulturas da necrópole que rodeia a igreja de Sendim, Tabuaço, com 21 sepulcros antropomórficos<sup>54</sup>. De acordo com o estudo mais recente deste conjunto sepulcral, 19 dos túmulos apresentam um pequeno rebordo rebaixado a emoldurar parcialmente o contorno das sepulturas, conservando-se mesmo num deles (sepultura 20) a tampa monolítica, que mede 1,66 por 0,71 metros, com uma espessura de 0,22 m<sup>55</sup>.

Na verdade, as sepulturas que vêm sendo designadas como de «secção em T»<sup>56</sup>, de fossa escalonada, fossa e pré-fossa ou de fossa e sobrecâmara<sup>57</sup>, raras em Portugal, são mais comuns noutras áreas da Península Ibérica e em países vizinhos, com a particularidade de ocorrerem tanto em ritos funerários cristãos, como muçulmanos ou judaicos, num arco cronológico muito extenso. Não podendo detalhar aqui o volume já relativamente numeroso de ocorrências, tanto peninsulares como de outros países<sup>58</sup> recordamos só alguns dos casos mais paradigmáticos.

No período pós-romano, esta arquitetura funerária evidencia-se especialmente em contextos funerários visigóticos da região de Madrid, Toledo e do sul de Espanha, podendo destacar-se como exemplos as necrópoles de Góquez (Madrid) e Marro-

<sup>51</sup> WILLIAMS, 2006: 191; SEMPLE, WILLIAMS, 2015; MARTÍN VISO 2014a: 75-78.

<sup>52</sup> MARTÍN VISO, 2014b.

<sup>53</sup> BARROCA, 2010-2011, fig. 6.

<sup>54</sup> PERPÉTUO *et al.*, 1999: 223-32; GUEDES, 2015.

<sup>55</sup> GUEDES, 2015: I: 71-3; II: 7, 9, 182, 240.

<sup>56</sup> CONTRERAS MARTÍNEZ, FERNÁNDEZ UGALDE, 2006: 547; NAVARRO, 2017: 284.

<sup>57</sup> VIGIL-ESCALERA GUIRADO, 2015: 257.

<sup>58</sup> Por necessária economia de espaço, os elementos descritivos e comentários aqui apresentados sobre estes e outros casos de sepulturas de dupla fossa serão muito resumidos e limitados à Península Ibérica, reservando-se para outro estudo (SILVA, no prelo) uma análise mais aprofundada.

quíes Bajos (Jaén). No primeiro caso, uma necrópole com centenas de enterramentos datados de entre o segundo terço do século VI e meados do século VIII<sup>59</sup>, as sepulturas de secção em T constituem um dos géneros melhor representados, tendo sido definido particularmente o subtipo II2, caracterizado por uma pré-fossa de significativa profundidade em relação à cavidade feral, sendo o espaço compreendido entre as lajes ou a cobertura em madeira que a fechavam e a superfície do terreno colmatado normalmente com terra<sup>60</sup>.

No grande complexo de necrópoles de Marroquíes Bajos, em Jaén, com nove áreas de inumação cristã e muçulmanas, identificam-se também numerosas sepulturas de fossa escalonada em contextos tardo-antigos, de época visigoda e moçárabe, ou seja, globalmente entre os séculos VI-VII e o século VIII, coexistindo já com a ocupação muçulmana<sup>61</sup>. A configuração da cavidade tumular é variável, entre o ovalado, o trapezoidal ou o contorno antropomórfico, e a profundidade da pré-fossa é também distinta, bem como os sistemas de cobertura da fossa inferior (madeira, lajes de pedra ou mesmo *tegulae* nos casos mais antigos), admitindo-se que a maior parte das sepulturas tivessem sinalização externa, nomeadamente por um pequeno *tumulus* de terra que sobressaía sobre a cota de circulação<sup>62</sup>.

Por uma confluência de tradições de arquitetura funerária ainda não totalmente esclarecida<sup>63</sup> as inumações de rito islâmico em Marroquíes Bajos utilizam também de forma muito significativa as sepulturas de dupla fossa, nomeadamente a grande *maqbara* «do caminho de Bayyāsa», que conta com cerca de 700 enterramentos, onde esta tipologia se observa em 27% das sepulturas, com uma cronologia entre a segunda metade do século VIII e o século XIII<sup>64</sup>. Há paralelos para o uso de sepulturas de fossa escalonada, com maior ou menor profundidade, correspondendo ao tipo designado como *shaqq* na tradição islâmica maliquita (a dominante na Península após o século X), em diversos *maqabir*, nomeadamente nas regiões de Múrcia, Alicante, Huelva ou Almería, frequentemente datados a partir da época emiral e podendo ainda subsistir, de forma cada vez mais pontual, no período almóada<sup>65</sup>.

Passando aos contextos funerários medievais cristãos, parece observar-se este tipo de sepulturas essencialmente em áreas de enterramento que poderíamos designar como moçárabes, como sucedeu em Mérida, onde uma intervenção urbana permitiu a escavação de 216 inumações em decúbito supino, integrando os dispositivos sepulcrais

<sup>59</sup> VIGIL-ESCALERA GUIRADO, 2013: 7.

<sup>60</sup> CONTRERAS MARTÍNEZ, 2006; CONTRERAS MARTÍNEZ, FERNÁNDEZ UGALDE, 2006.

<sup>61</sup> NAVARRO, 2017: 404 e ss.

<sup>62</sup> NAVARRO, 2017; CASTILLO ARMENTEROS, NAVARRO PÉREZ, SERRANO PEÑA, 2011. SERRANO PEÑA, CASTILLO ARMENTEROS, 2000.

<sup>63</sup> SILVA, no prelo.

<sup>64</sup> SERRANO PEÑA, CASTILLO ARMENTEROS, 2000; CASTILLO ARMENTEROS, NAVARRO PÉREZ, SERRANO PEÑA, 2011. NAVARRO, 2017, 2018.

<sup>65</sup> SILVA, no prelo.

7% de sepulturas em «doble fossa», tendo sido a necrópole datada entre os séculos VIII e IX<sup>66</sup>. Todavia, os casos que talvez melhor possamos aproximar da sepultura do Castelo de Crestuma encontram-se em Granada, nomeadamente na necrópole de Tózar (Moclín), onde tem vindo a ser estudada uma necrópole rupestre, com mais de 70 tumbas já identificadas, na sua grande maioria de contorno antropomórfico, das quais cerca de metade apresentam «escalón para cubierta», sendo possível, com base em datações de radiocarbono, propor uma utilização daquele espaço cemiterial entre o século X e o século XII, ou quando muito 1.<sup>a</sup> metade do XIII<sup>67</sup>.

Curiosamente, também alguns dos cemitérios judaicos peninsulares adotam o mesmo tipo de sepultura, sendo melhor conhecidos os casos de Montjuïc, em Barcelona, e Lucena, Córdoba. No primeiro foram identificadas fossas de plano antropomórfico, ovalado e trapezoidal, estas últimas muitas vezes dotadas de ataúde, variando também a altura da pré-fossa, parecendo que, no caso das mais profundas, o espaço entre a cobertura (normalmente com lajes) da fossa inferior e a superfície seria objeto de aterro, sinalizando-se externamente o sepulcro com lápides; a cronologia proposta para o *fossar* medeia entre os séculos IX e XIV<sup>68</sup>. Em Lucena as sepulturas em fossa escalonada constituem o tipo mais comum, sendo a pré-fossa na maior parte dos casos de planta retangular e a fossa sepulcral essencialmente retangular ou ovalada. Foram realizadas datações por Carbono 14 de duas das sepulturas em fossa escalonada, obtendo-se uma cronologia entre os séculos X e XI<sup>69</sup>.

Regressando a Portugal, o recenseamento da utilização de sepulturas de dupla fossa em enterramentos dos ritos religiosos aqui tratados mostra por enquanto evidência muito rara. Entre as necrópoles muçulmanas, recentemente objeto de trabalho de síntese<sup>70</sup>, apenas em três sítios poderá observar-se esta arquitetura, e nem sempre de forma clara: em Beja (Escola Secundária Diogo de Gouveia), na Horta do Pinheiro (Alcácer do Sal) e sobretudo no sítio da Xancra 2 (Cuba)<sup>71</sup>, onde, entre três dezenas de enterramentos, alguns poderiam corresponder a fossas tipo *shaqq*, embora o desnível nas paredes laterais seja explicado sobretudo como forma de apoio das coberturas<sup>72</sup>.

Entre as necrópoles de sepulturas escavadas na rocha distribuídas um pouco por todo o nosso país, não eram conhecidas sepulturas desta tipologia, mas duas escavações arqueológicas recentes matizaram um pouco este panorama. Na verdade, algumas sepulturas de fossa escalonada, se bem que com características muito particulares, foram recentemente identificadas na necrópole da igreja de Paço de Sousa,

<sup>66</sup> DELGADO MOLINA, 2006.

<sup>67</sup> JIMÉNEZ PUERTAS, MATTEI, RUIZ JIMÉNEZ, 2011; MATTEI, 2014: 186-192; 2018: 518.

<sup>68</sup> MAESE i FIDALGO, 2003, 2006; MAESE i FIDALGO, CASANOVAS i MIRÓ, 2002-2003.

<sup>69</sup> BOTELLA ORTEGA, CASANOVAS i MIRÓ, 2009.

<sup>70</sup> GONZAGA, 2018.

<sup>71</sup> Cfr. GONZAGA, 2018 e SILVA, no prelo, com bibliografia.

<sup>72</sup> BRAZUNA, GODINHO, 2014: 221.

Penafiel<sup>73</sup>. Junto à cabeceira do templo, a nascente, foram escavadas duas inumações singulares, definidas «por uma vala de grandes dimensões com forma sub-retangular, paredes com pouca inclinação e fundo aplanado. Na área central encontra-se a cavidade sepulcral, coberta por lajes de granito e/ou xisto»<sup>74</sup>. A profundidade da pré-fossa (numa das sepulturas com mais de um metro de profundidade) identifica esta arquitetura com as sepulturas de dupla câmara que vimos tratando, mas os sepulcros de Paço de Sousa apresentavam ainda um elemento particularmente estranho, pois aparentemente a pré-fossa era recoberta por um nível de saibro compactado onde se abria um orifício subcircular de apreciáveis dimensões — suficiente para a passagem de uma pessoa<sup>75</sup> — permitindo supor que originalmente o espaço da pré-fossa não fosse colmatado e constituísse uma espécie de câmara hipogeia.

Por fim, merece nota de destaque uma intervenção na Mouraria, em Lisboa, que terá exumado, porventura, o primeiro cemitério judaico português. Sob uma necrópole muçulmana, tardia, e níveis de aterro com interessantes restos das olarias locais da época moderna, encontraram-se mais de duas centenas de inumações com os corpos em decúbito supino, as quais, pelo conteúdo artefactual das sepulturas e outros dados históricos, os Autores da escavação não têm dúvida em classificar como de rito judaico, ligando mesmo o final da utilização da necrópole ao decreto de expulsão dos judeus em 1497<sup>76</sup>. O que aqui nos interessa em particular é que 5% das sepulturas escavadas na rocha correspondem aparentemente ao modelo de dupla fossa<sup>77</sup>, e sendo a datação de finais do século XV apresentada pelos autores *um terminus ante quem*, a cronologia destas sepulturas poderá certamente ser bem mais antiga.

A análise de todos estes paralelos, diversos na geografia, na cronologia e no ritual religioso permitir-nos-á agora, num segundo andamento, equacionar melhor as sepulturas escavadas na rocha de Crestuma, não só na singularidade tipológica que a do Castelo patenteia, como também na análise da espacialidade e contextualização arqueológica que ambas requerem, tanto mais que estão situadas num sítio profundamente complexo e que ainda não foi possível enquadrar cabalmente em termos de funcionalidade, significado e posicionamento histórico.

---

<sup>73</sup> TEIXEIRA, FONSECA, 2017.

<sup>74</sup> TEIXEIRA, FONSECA, 2017: 34.

<sup>75</sup> TEIXEIRA, FONSECA, 2017: 34-39.

<sup>76</sup> PONCE *et al.*, 2017a; 2017b: 1709.

<sup>77</sup> PONCE *et al.*, 2017a: 157-9; 2017b: 1707.

## AGRADECIMENTOS

Queremos deixar expresso o nosso reconhecimento a vários investigadores e entidades por informações prestadas para este trabalho, designadamente a Luca Mattei (Univ. Granada), Mercedes Navarro Perez (Univ. Jaén), Miguel Lago e Sandra Brazuna (Era Arqueologia) e Ricardo Teixeira (Arqueologia e Património).

## BIBLIOGRAFIA<sup>78</sup>

- ALARCÃO, Jorge (2019). *O nome e os lugares de Portucale*. «Revista de Portugal». 16, 8-15.
- ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1978). *Castelologia Medieval de Entre-Douro-e-Minho, desde as origens até 1220*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação complementar de Doutoramento.
- ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1989). *Castelos e cercas medievais, séculos X a XIII*. In MOREIRA, Rafael, dir. *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*. Lisboa: Alfa, pp. 38-54.
- ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de (1992). *Castelos medievais do Noroeste de Portugal*. In *Finis Terrae. Estudios en Lembranza do Prof. Dr. Alberto Balil*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, pp. 371-385.
- ARIÑO, Enrique (2013). *El hábitat rural en la Península Ibérica entre finales del siglo IV y principios del VIII: un ensayo interpretativo*. «Antiquité Tardive». 21, 93-123.
- BARROCA, Mário Jorge (1987). *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séculos V a XV)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação para Provas Públicas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.
- BARROCA, Mário Jorge (2010-2011). *Sepulturas escavadas na rocha de Entre Douro e Minho*. «Portvgalia». Nova Serie, 31-32, 115-182.
- BIELSA, Maria Asunción (1975). *Necrópolis altomedievales en Aragón*. In *Crónica del XIII Congreso Arqueológico Nacional*. Zaragoza: Universidad de Zaragoza, pp. 995-1002.
- BOLÓS MASCLANS, Jordi; PAGÈS PARETAS, Montserrat (1982). *Les sepultures excavades a la roca*. In RIU, Manuel, dir. *Necropolis i sepultures medievals de Catalunya*. Barcelona: Departament d'Historia Medieval, pp. 59-103.
- BOTELLA ORTEGA, Daniel; CASANOVAS i MIRÓ, Jordi (2009). *El cementerio judío de Lucena (Cordoba)*. «MEAH. Sec. Hebreo». 58, 3-25.
- BRAZUNA, Sandra; GODINHO, R. (2014). *Xancra II (Cuba, Beja): resultados preliminares da necrópole islâmica*. In *4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva – O Plano de Rega (2002-2010)* [Memórias d'Odiana, 2ª Série]. Évora: EDIA, pp. 219-224.
- BROOKES, Stuart; TENTE, Catarina; PRATA, Sara (2017). *Interpreting Rock-Cut Grave Cemeteries: The Early Medieval Necropolis and Enclosure of São Gens, Portugal*. «Medieval Archaeology». 61: 2, 215-238.
- CABRITA, Luís (2011). *Contributo para o estudo do povoamento rural alto-medieval de Silves*. In GOMES, M. V.; GOMES, R. V.; TENTE, C. coord. *Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular. Encontros e Desencontros*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, pp. 239-254.
- CARRIEDO TEJEDO, Manuel (1998-1999). *Los episcopologios portugueses en los siglos IX y X a través de dos obispos de Oporto, Froarengo (890-918) y Hermogio (923-927) y su situación a comienzos del siglo XI*. «Bracara Augusta». 48, 101-102, 114-115, 311-401.

<sup>78</sup> Para não alongar demasiado a listagem, reduzimos as ligações para os conteúdos em linha aos casos onde são indispensáveis.

- CASTILLO ARMENTEROS, J. C.; NAVARRO PÉREZ, M.; SERRANO PEÑA, J. L. (2011). *Las maqbaras de Marroquíes Bajos (Jaén) en torno al 711*. In *711- Arqueologia e Historia entre dos mundos*. Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional, vol. 1, pp. 273-291.
- CASTILLO, Alberto del (1970). *Cronología de las tumbas llamadas "olerdolanas"*. In *XI Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoza: Secretaría General de los Congresos Arqueológicos Nacionales, pp. 835-845.
- CASTILLO, Alberto del (1972). *Excavaciones altomedievales en las provincias de Soria, Logroño y Burgos*. Madrid: Ministério de Educación y Ciencia.
- CONTRERAS MARTÍNEZ, Miguel (2006). *Evolución del ritual funerario entre los ss. VI y VIII d.C. en el asentamiento de Gózquez de Arriba (San Martín de la Vega, Madrid)*. In LOPEZ QUIROGA, Jorge; MARTÍNEZ TEJERA, A.; MORÍN DE PABLOS, J., ed. *Galia e Hispania en el contexto de la presencia germánica (ss. V-VII). Balance y perspectivas*. Oxford: Archeopress, pp. 273-288.
- CONTRERAS MARTÍNEZ, Miguel; FERNÁNDEZ UGALDE, A. (2006). *El espacio funerario en el poblado de época visigoda de Gózquez de Arriba (San Martín de la Vega, Madrid)*. In *La investigación arqueológica de la época visigoda en la Comunidad de Madrid. 2 – La Ciudad y el Campo [Zona Arqueológica, 8]*. Alcalá de Henares: Museo Arqueológico Regional, pp. 539-557.
- COUTO, Marcos (2018). *Relatório Preliminar. Obras de Construção de um Edifício sito na Estrada da Vessada, Lugar de Vessada. Vila Nova de Gaia*. Porto: Império Arqueologia.
- DELGADO MOLINA, Pedro (2006). *Excavación de un área funeraria cristiana en época andalusí. Intervención arqueológica llevada a cabo en la calle B. Arias Montano c.v. a Avda. Reina Sofía (Mérida)*. In *Mérida. Excavaciones Arqueológicas 2003*. Mérida: Consorcio Ciudad Monumental, pp. 285-312.
- GONZAGA, Ana (2018). *Arqueologia da Morte no Gharb "português" Almocavares e outros registos funerários*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Dissertação de Mestrado.
- GUEDES, César (2015). *A sul do Douro: percurso pelas sepulturas escavadas na rocha entre os rios Távora e Cabrum*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- GUIMARÃES, J. Gonçalves (1993a). *Alguns materiais arqueológicos de estações da margem sul do Rio Douro: as tegulae*. «Ivcerne». 2.<sup>a</sup> Serie, 3, 217-235. (Actas do VI Coloquio Portuense de Arqueologia, 1987).
- GUIMARÃES, J. Gonçalves (1993b). *Roteiro Arqueológico de Vila Nova de Gaia*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal; Solar Condes de Resende.
- GUIMARÃES, J. Gonçalves; GUIMARÃES, S. (2001). *O Castelo de Crestuma, uma estação arqueológica quase desconhecida*. «Al-madan». 2.<sup>a</sup> Serie, 10, 43-47.
- GUIMARAES, J. Goncalves et al. (2014). *Programa de investigação arqueológica e valorização cultural do Complexo Arqueológico do Castelo de Crestuma – Vila Nova de Gaia. Projeto CASTR'UÍMA. 4<sup>a</sup> Campanha de Trabalhos Arqueológicos (2013). Relatório Final*. Vila Nova de Gaia: Gab. História, Arqueologia e Património (ASCR/CQ).
- JIMÉNEZ PUERTAS Miguel; MATTEI, L.; RUIZ JIMÉNEZ, A. (2011). *Rituales y espacios funerarios en la Alta Edad Media: las necrópolis excavadas en la roca de Martilla y Tózar (Granada)*. In JIMÉNEZ PUERTAS, M.; GARCÍA-CONTRERAS RUIZ, G., ed. *Paisajes históricos y arqueología medieval*. Salobreña (Granada): Alhulia, pp. 139-175.
- KLIEMANN, Katja (1986). *Un aspecte de les necropolis medievals: les sepultures antropomorfes a Catalunya*. Barcelona: Universidad de Barcelona. Tese de Licenciatura.
- LALIENA COBRERA, Carlos (2009). *Acerca de la articulación social de los espácos rurales en el Ebro medio (siglos V-IX)*. «Mainake». 31, 149-163.
- LALIENA COBRERA, Carlos; ORTEGA ORTEGA, J. (2005). *Arqueología y poblamiento. La cuenca del río Martín en los siglos V-VIII*. Zaragoza.

- LOPES, Isabel Alexandra Resende Justo (2002). *Contextos Materiais da Morte durante a Idade Média: as necrópoles do Douro Superior*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado. 2 vols.
- LÓPEZ QUIROGA, Jorge (2010). *Arqueología del Mundo Funerário en la Península Ibérica (siglos V-X)*. Madrid: La Ergástula.
- LÓPEZ QUIROGA, Jorge; GARCÍA PÉREZ, Laura (2014). *Las tumbas excavadas en la roca en la Península Ibérica: tipología, cronología y problemas de interpretación*. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge; MARTÍNEZ TEJERA, Artemio M, ed. *In concavis petrarum habitaverunt. El fenómeno rupestre en el Mediterráneo Medieval: de la investigación a la puesta en valor*. Oxford: Archaeopress, pp. 36-83.
- LOURENÇO, Sandra (2007). *O povoamento alto-medieval entre os rios Dão e Alva*. «Trabalhos de Arqueologia». 50.
- MAESE i FIDALGO, Xavier (2003). *Montjuïc, el cementiri jueu de la Barcelona medieval*. «Seqüència». 14, 4-7.
- MAESE i FIDALGO, Xavier (2006). *Montjuïc: La necròpolis jueva de la Barcelona medieval*. Barcelona: CODEX. Arqueologia i Patrimoni. Disponível em <[http://cartaarqueologica.bcn.cat/Docs/3061/2013\\_09\\_26\\_13\\_32\\_23\\_Memòria%20129-01.pdf](http://cartaarqueologica.bcn.cat/Docs/3061/2013_09_26_13_32_23_Memòria%20129-01.pdf)>
- MAESE i FIDALGO, Xavier; CASANOVAS i MIRÓ, Jordi (2002-2003). *Nova aproximació a la cronologia del cementiri jueu de Montjuïc (Barcelona)*. «Tàmid». 4, 7-25.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2007). *Tumbas y sociedades locales en el centro de la Península Ibérica en la Alta Edad Media: el caso de la comarca de Riba Côa (Portugal)*. «Arqueología y Territorio Medieval». 14, 21-47.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2008). *Una periferia creativa: la articulación del territorio en la comarca de Riba Côa, Portugal (siglos VI-XI)*. «Territorio, Sociedad y Poder». 3, 85-109.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2011). *La organización espacial de los espacios funerarios alto-medievales en los territorios al Sur del Duero*. In GOMES, M.; GOMES, R.; TENTE, C. coord. *Cristãos e Muçulmanos na Idade Média Peninsular. Encontros e Desencontros*. Lisboa: Instituto de Arqueologia e Paleociências, pp. 225-238.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2012a). *Enterramientos, memoria social y paisaje en la Alta Edad Media: propuestas para un análisis de las tumbas excavadas en roca en el centro-oeste de la Península Ibérica*. «Zephyrus». 69, 165-187.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2012b). *Paisajes sagrados, paisajes eclesiásticos. De la necrópolis a la parroquia en el centro de la Península Ibérica*. «Reti Medievali». 13: 2, 3-45.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2014a). *El espacio del más acá: las geografías funerarias entre la Alta y la Plena Edad Media*. In LÓPEZ OJEDA, E., ed. *De la Tierra al Cielo. Ubi sunt qui ante nos in hoc mundo fuere? Actas XXIV Semana de Estudios Medievales*. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, pp. 75-140.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2014b). *Datar tumbas o datar procesos? A vueltas con la cronología de las tumbas excavadas en roca en la Península Ibérica*. «Debates de Arqueología Medieval». 4, 29-65.
- MARTÍN VISO, Iñaki (2016). *Comunidades locales, lugares centrales y espacios funerarios en la Extremadura del Duero altomedieval: las necrópolis de tumbas excavadas en la roca alineadas*. «Anuario de Estudios Medievales». 46: 2, 859-898.
- MATTEI, Luca (2014). *Poblado y necrópolis mozárabe del Conjunto Arqueológico de Tózar. Un proyecto de investigación y puesta en valor*. «Debates de Arqueología Medieval». 4, 181-196.
- MATTEI, Luca (2018). *Los montes occidentales de Granada en los tiempos de al-Andalus: Territorio, paisaje y sociedad*. «Boletín del Instituto de Estudios Giennenses». 217, 499-527.
- MATTOSO, José (2002). *O Monaquismo ibérico e Cluny*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- NAVARRO PÉREZ, Mercedes (2017). *La ocupación del entorno de las ciudades islámicas en época omeya. Marroquíes Bajos. Jaén*. Jaén: Universidad de Jaén. Tese de Doutoramento.

- NAVARRO PÉREZ, Mercedes (2018) – *La maqbara del camino de Bayyāsa (Marroquíes Bajos, Jaén)*. «Lucentum». 37, 281-303.
- PERPÉTUO, João *et al.* (1999). *Tabuaço, um passado presente*. Tabuaço: Câmara Municipal.
- PONCE, Mónica *et al.* (2017a). *Relatório Final dos Trabalhos Arqueológicos. Diagnóstico, Acompanhamento e Escavação arqueológica*. Rua do Lagares, 74, Lisboa. Lisboa: ERA-Arqueologia, S.A.
- PONCE, Mónica *et al.* (2017b). *O sítio dos Lagares (Lisboa): um espaço pluricultu(r)al*. In ARNAUD, J.; MARTINS, A. coord. *Arqueologia em Portugal*. 2017, *Estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1703-1714.
- RIU, Manuel (1977). *La arqueología medieval en España. Apêndice*. In DE BOÜARD, Michel – *Manual de Arqueología Medieval. De la prospección a la historia*. Barcelona: Teide, pp. 375-490.
- RUBIO DíEZ, Rubén (2018). *Las tumbas excavadas en la roca: una evidencia del paisaje rural posromano*. In MARTÍN VISO, Iñaki coord. *Fortificaciones, poblados y pizarras: la raya en los inicios del Medioevo*. Ciudad Rodrigo: Ayuntamiento, pp. 286-295.
- SANTOS, Maria José (2005). *A Terra de Penafiel na Idade Média. Estratégias de Ocupação do Território (875-1308)*. «Cadernos do Museu». 10.
- SEMPLE, Sarah; WILLIAMS, H. (2015). *Landmarks for the dead: exploring Anglo-Saxon mortuary geographies*. In HYER, M.; OWEN-CROCKER, G., ed. *The Material Culture of the Built Environment in the Anglo-Saxon World [The Material Culture of Daily Living in the Anglo-Saxon World, 2]*. Liverpool: Liverpool Univ. Press, pp. 1-26.
- SERRANO PEÑA, J. L.; CASTILLO ARMENTEROS, J. C. (2000). *Las necrópolis medievales de Marroquíes Bajos, (Jaén)*. *Avance de las investigaciones arqueológicas*. «Arqueología y Territorio Medieval». 7, 93-120.
- SILVA, António Manuel S. P. (2007). *Revisão do Plano Diretor Municipal de Vila Nova de Gaia. Relatório 2.11: Património Arqueológico e Geomorfológico*. Vila Nova de Gaia: Câmara Municipal/Gaiurb, EM. Disponível em <[https://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11\\_1.pdf](https://www.gaiurb.pt/revpdm/rel/11/11_1.pdf)>.
- SILVA, António Manuel S. P. (2013). *Arqueologia do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia)*. *Resultados preliminares da campanha de 2013*. «Revista de Portugal». 10, 5-13.
- SILVA, António Manuel S. P. (2014). *El Castillo de Crestuma (Vila Nova de Gaia, Portugal)*. *Entre la romanidad tardía y la edad media: los retos de un sítio complejo*. In *Las fortificaciones en la tardoantigüedad: Elites y articulación del territorio (siglos V-VIII d.C.)*. Madrid: La Ergástula, pp. 389-399.
- SILVA, António Manuel S. P. (no prelo). *A sepultura do Castelo de Crestuma (V. N. Gaia, Portugal) e as sepulturas de dupla fossa em contextos tardo-antigos e medievais cristãos, muçulmanos e judaicos*. «Portvgalia». Nova Serie. 42.
- SILVA, António Manuel S. P., GUIMARÃES, J. Gonçalves (2011). *O Castelo de Crestuma revelado pela Arqueologia. As principais fases de ocupação do sítio arqueológico*. «Boletim da Associação Cultural Amigos de Gaia». 73, 5-13.
- SILVA, António Manuel S. P.; CARVALHO, T. (2014). *Originalidade e tradição clássica na cerâmica local e regional tardo-antiga do castelo de Crestuma (V. N. Gaia, Portugal)*. In MORAIS, R.; FERNÁNDEZ, A.; SOUSA, M., ed. *As produções cerâmicas de imitação na Hispania*. [Porto-Madrid]: FLUP; Ex Officina Hispana, pp. 381-396.
- SILVA, António Manuel S. P.; GUIMARÃES, J. Gonçalves (2013a). *Castelo de Crestuma: a Arqueologia em busca da História*. Vila Nova de Gaia: Águas e Parque Biológico de Gaia, EM; ASCR-CQ
- SILVA, António Manuel S. P.; GUIMARÃES, J. Gonçalves (2013b) – *O Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia e a ocupação tardo-antiga no Baixo Douro*. In *Arqueologia em Portugal*. 150 Anos. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 883-893.

- SILVA, António Manuel S.P. *et al.* (2017). *O projeto CASTR'UÍMA (Vila Nova de Gaia, 2010-2015): elementos e reflexões para um balanço prospetivo*. In ARNAUD, J.; MARTINS, A. coord. *Arqueologia em Portugal. 2017, Estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 137-154.
- SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, P.; CARVALHO, T. (2015a). *Conjuntos cerâmicos do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia, N. Portugal): primeiros elementos para uma sequência longa (Sécs. IV-XI)*. In *Actas do X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo* (Silves, 2012). Silves: Câmara Municipal; Campo Arqueológico de Mértola, pp. 401-419.
- SILVA, António Manuel S. P. *et al.* (2015b). *O Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia): um contexto estratigráfico tardo-antigo no extremo noroeste da Lusitania*. In QUARESMA, J.; MARQUES, J. coord. *Contextos estratigráficos na Lusitania (Do Alto Império à Antiguidade Tardia)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 149-167.
- SILVA, António Manuel S. P.; REAL, Manuel L. (no prelo). *Arqueologia e história da cidade do Porto no período tardo-antigo e alti-medieval*. In *Atas do Encontro Internacional «A Península Ibérica entre os séculos V a X: continuidade, transição e mudança»*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- SILVA, António Manuel S. P.; SOUSA, L. (2014). *Cerâmica do período da “Reconquista” (séculos X-XI) proveniente do Castelo de Crestuma (V. N. Gaia)*. In DE MAN, Adrian; TENTE, Catarina coord. *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal – séculos XI a XII*. Lisboa: IEM, pp. 205-222.
- SILVA, António Manuel S. P.; SOUSA, L.; PINTO, F. (2018). *Materiais proto-históricos do Castelo de Crestuma (Vila Nova de Gaia)*. In HERNÁNDEZ GUTIÉRREZ, N.; LARRAZABAL GALARZA, J.; PORTERO HERNÁNDEZ, R. coord. *Arqueologia en el valle del Duero: del Paleolítico a la Edad Media 6 - Actas de las VI Jornadas de Arqueología del valle del Duero (Oporto, 2016)*. Valladolid: Glyphos, pp. 327-340.
- SOUSA, Arlindo de (1945). *Nótulas arqueológico-históricas. Vila-da-Feira Lusitano-Romana: Do antigo castro ao castelo actual. Origens dos nomes: Civitas, Terra de Santa Maria, Vila e Feira*. «Anales de la Asociación Española para el Progreso de las Ciencias». Ano 10. 2, 399-412.
- SOUSA, Arlindo de (1957). *Estudos de Arqueologia, Etnologia e História. Antiguidades do Município de Gaia: Civilizações Pré-romanas, Romana e Romana Portuguesa*. Rio de Janeiro: [s.e.].
- TEIXEIRA, Ricardo (1996). *De Aquae Flaviae a Chaves. Povoamento e organização do território entre a Antiguidade e a Idade Média*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação de Mestrado.
- TEIXEIRA; Ricardo; FONSECA, J. (2017). *Intervenção arqueológica. Mosteiro de Paço de Sousa. Penafiel. 2017. Relatório Final. 2ª Fase*. Matosinhos: Arqueologia e Património, vol. I.
- TENTE, Catarina (2007). *A ocupação alto-medieval da Encosta Noroeste da Serra da Estrela*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia; 47).
- TENTE, Catarina (2010). *Arqueologia Medieval Cristã no Alto Mondego. Ocupação e exploração do território nos séculos V a XI*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Tese de Doutoramento.
- TENTE, Catarina (2015). *Tumbas rupestres en el Alto Mondego (Guarda, Portugal). Patrones de distribución, significados y construcción del paisaje rural altomedieval*. «Munibe. Antropologia-Arkeologia». 66, 271-290.
- TENTE, Catarina (2017). *Rock-cut graves and cemeteries in the medieval rural landscape of the Viseu region (central Portugal)*. In BIS-WORCH, Christiane; THEUNE, Claudia, ed. *Religions, cults and rituals in the medieval rural environment. Ruralia XI*. Leiden: Sidestone Press, pp. 215-226.
- TENTE, Catarina, LOURENÇO, Sandra (1998). *Sepulturas medievais escavadas na rocha dos concelhos de Carregal do Sal e Gouveia: estudo comparativo*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 1: 2, 191-217.

- TENTE, Catarina, LOURENÇO, Sandra (2002). *Sepulturas medievais do distrito de Évora*. «Revista Portuguesa de Arqueologia». 5: 1, 239-258.
- TENTE, Catarina; CARVALHO, António (2015). *Sepulturas e necrópoles alto-medievais na investigação arqueológica portuguesa: metodologias, problemáticas e perspetivas*. In QUIRÓS CASTILLO, J.; CASTELLANOS, S., dir. *Identidad y etnicidad en Hispania. Propuestas teóricas y cultura material en los siglos V-VIII*. [Bilbau]: Univ. del País Vasco, pp. 125-144.
- VELÁZQUEZ SORIANO, Maria Isabel (2017). *Tegula con inscripción de Vila Nova de Gaia*. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge; MARTÍNEZ TEJERA, A. coord. *In tempore Sueborum. El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585). El primer reino medieval de Occidente*. Ourense: Deputación Provincial, p. 256.
- VIEIRA, Marina (2004). *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*. «Trabalhos de Arqueologia». 36. .
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso (2013). *Comunidad política aldeana y exclusión. Una revisión de las formas de inhumación altomedievales (ss. V-VIII d.C.)*. «Reti Medievali». 14: 1, 1-32.
- VIGIL-ESCALERA GUIRADO, Alfonso (2015). *La identidad de la comunidad local y las afiliaciones individuales en necropolis de la Alta Edad Media (400-900 AD)*. In QUIRÓS CASTILLO, J.; CASTELLANOS, S., dir. *Identidad y etnicidad en Hispania. Propuestas teóricas y cultura material en los siglos V-VIII*. [Bilbau]: Univ. del País Vasco, pp. 249-274.
- WILLIAMS, Howard (2006). *Death and Memory in Early Medieval England*. Cambridge: Cambridge University Press.



**Fig. 1.** Localização do complexo arqueológico de Crestuma, Vila Nova de Gaia

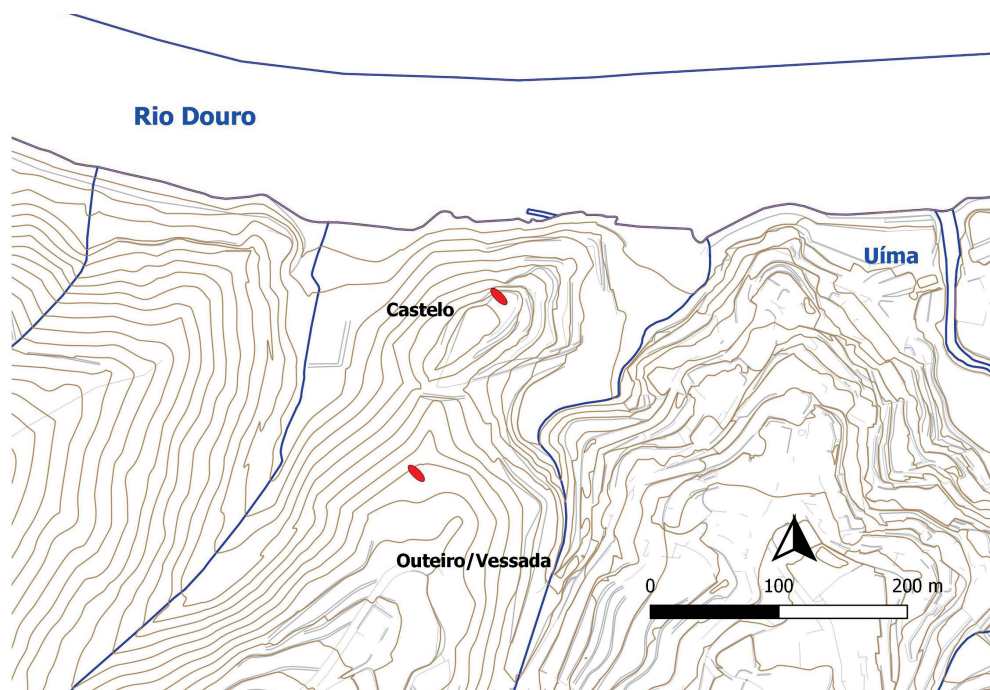
Fonte: Base cartográfica: Carta Hipsométrica de Portugal na escala 1:600 000 do Instituto Geográfico e Cadastral



**Fig. 2.**

Vista aérea do complexo arqueológico, com localização dos dois relevos que o constituem

Fonte: Google Earth; infografia dos AA



**Fig. 3.** Esboço topográfico de implantação das sepulturas do Castelo e do Outeiro/Vessada  
Fonte: Base cartográfica: Gaiurb - EM; Cartograma dos AA (ícones das sepulturas sem escala)



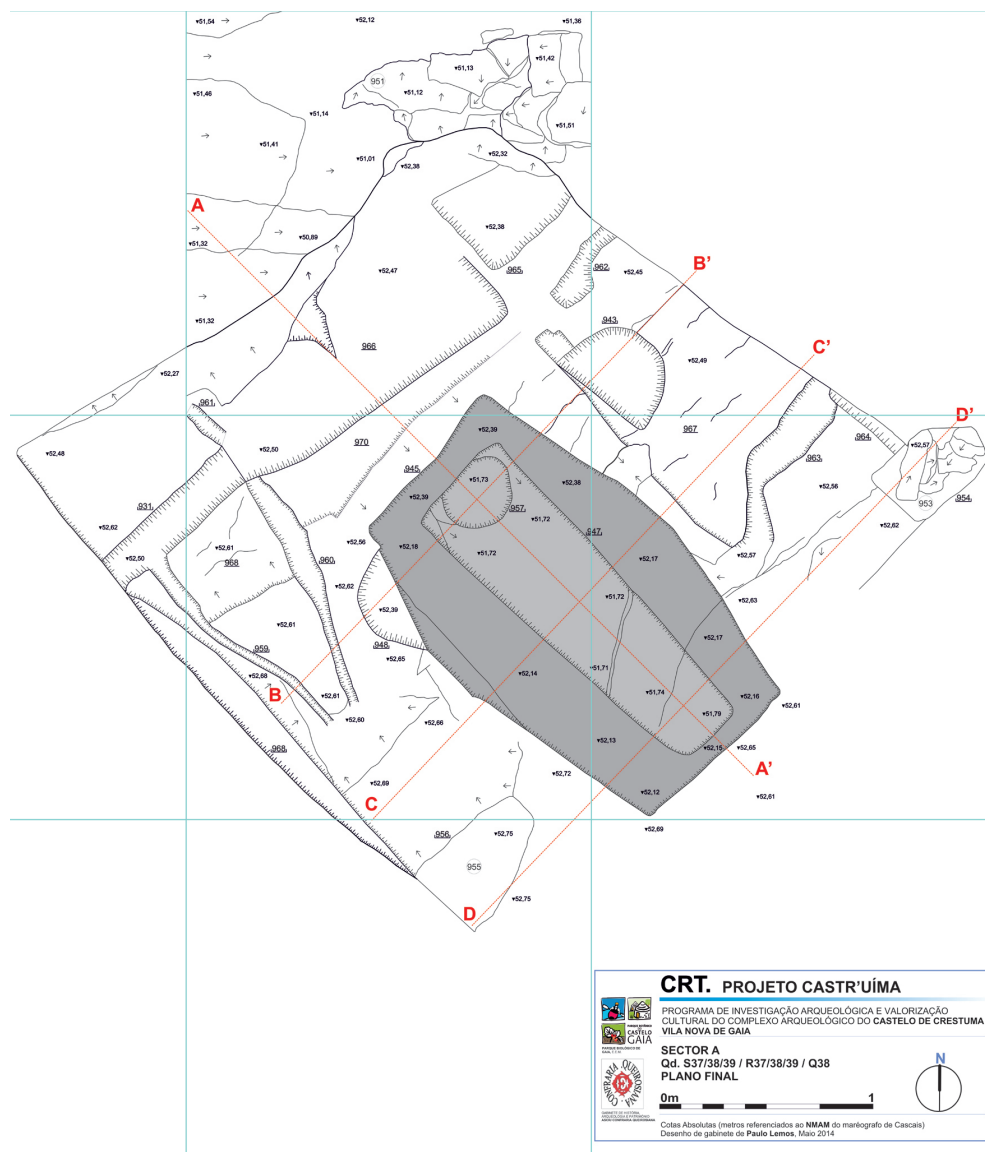
**Fig. 4.**  
A «eira» do Castelo de Crestuma, vista a partir do ângulo nascente  
Fonte: António Manuel Silva — Gabinete de História, Arqueologia e Património



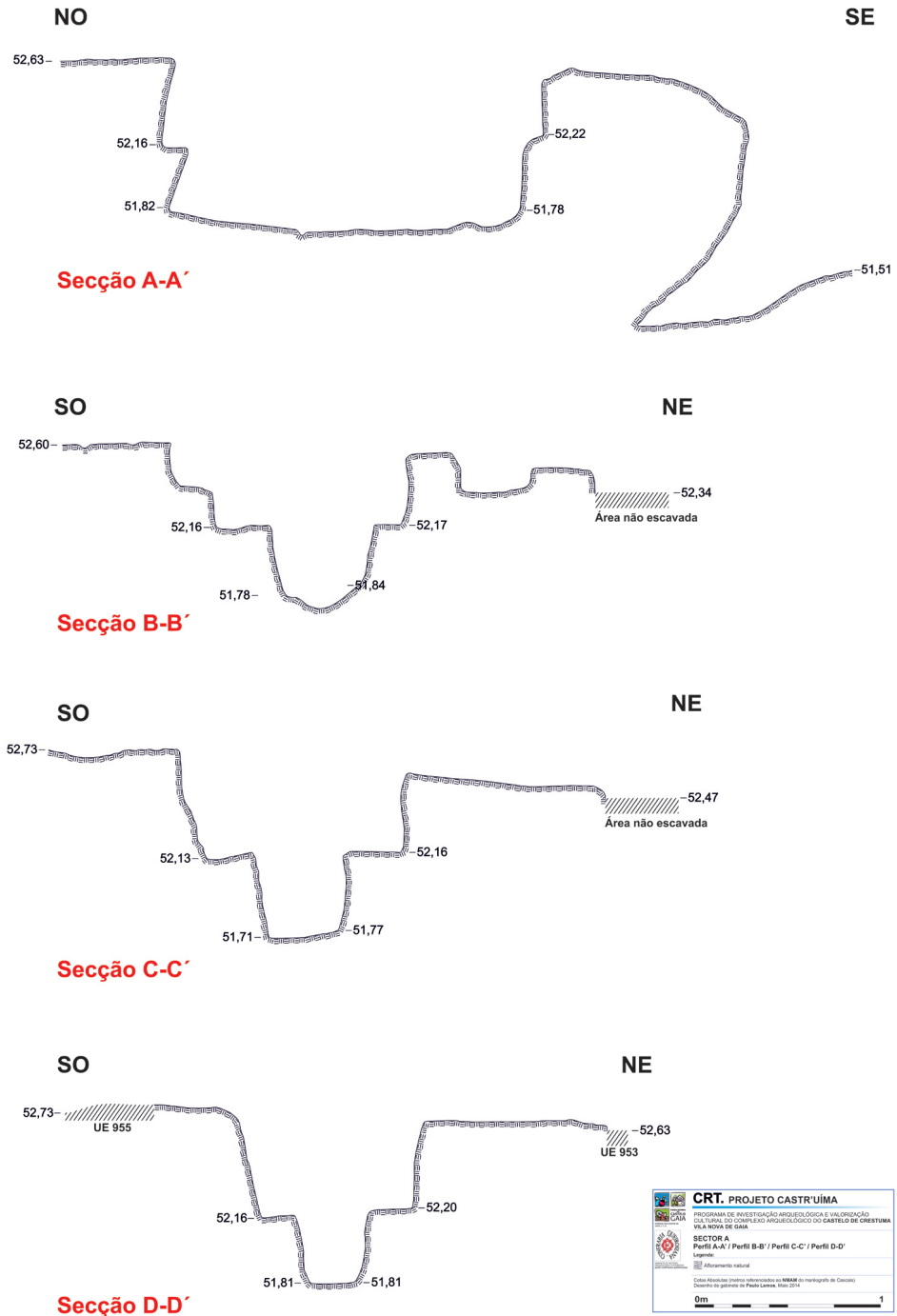
**Fig. 5.** Recorte da planta da parte superior do Castelo, vendo-se a «eira» e a sepultura  
Fonte: P. Lemos e R. Oliveira, sobre levantamento de Multimapa



**Fig. 6.**  
Sepultura 1 do Castelo,  
vista de SSE  
Fonte: Gabinete de  
História, Arqueologia e  
Património



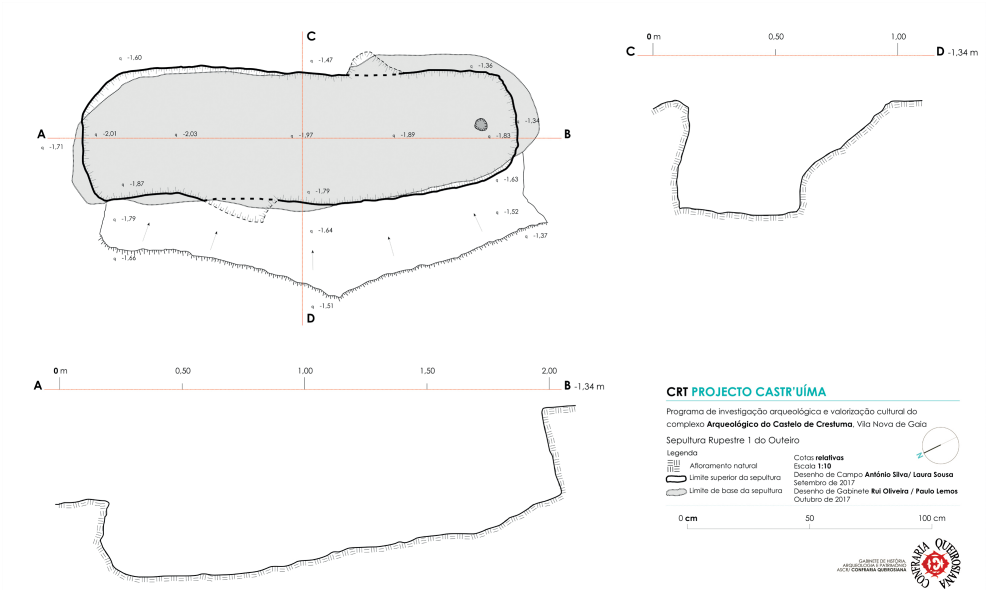
**Fig. 7a.** Sepultura 1 do Castelo: planta e secções longitudinal e transversais  
Fonte: P. Lemos — Gabinete de História, Arqueologia e Património



**Fig. 7b.** Sepultura 1 do Castelo: secção longitudinal e secções transversais  
 Fonte: P. Lemos — Gabinete de História, Arqueologia e Património



**Fig. 8.**  
Sepultura 1 do Outeiro, vista  
sensivelmente de NNE  
Fonte: António Manuel Silva — Gabinete de  
História, Arqueologia e Património



**Fig. 9.** Sepultura 1 do Outeiro: planta e secções axiais  
Fonte: A. Silva, L. Sousa, R. Oliveira e P. Lemos — Gabinete de História, Arqueologia e Património